

II PARTE

RESENHA HISTÓRICA DA ESCOLA DE
BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

RESUMO HISTORICO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA BAHIA

Prof. OCTAVIO TORRES
Catedrático de Anatomia e Fisiologia
Artísticas

No fim do ano de 1877, ou seja no último quartel do século passado, deu-se um acontecimento dos mais importantes relativos à cultura artística em nosso Estado — a Fundação da Academia de Belas Artes da Bahia. Esta fundação foi realizada por ilustres homens de letras, jornalistas, artistas, figurando entre êles Miguel Navarro y Cañizares, João Francisco Lopes Rodrigues (pai e filho) Manuel Silvestre Lopes Rodrigues (artistas), Dr. Virgilio Climaco Damasio, (professor da Faculdade de Medicina), Eng.º José Allioni (engenheiro arquiteto), Austricliano Ferreira Coelho (professor primário) farmacêutico Amaro Lellis Piedade, Jornalista e redator do “Jornal de Noticias” com a orientação prestigiosa do Presidente da Província Conselheiro Henrique Pereira de Lucena, Barão de Lucena.

Os nomes dêstes personagens figuram em um “quadro de honra que esteve no Salão Nobre e o qual esmaeceu com o tempo, devendo ser restaurado, por iniciativa do Prof. Mendonça Filho, atual diretor da “Escola”, para ser colocado em lugar de destaque, a fim de continuar a homenagear os fundadores dêste quase secular Estabelecimento.

Em 1876, viajava com destino ao Rio de Janeiro o Artista Miguel Navarro y Cañizares, natural de Valencia (Espanha). Chegando à Bahia soube que continuava a grassar naquela Capital a epidemia de febre amarela, que tanto horror causava aos estrangeiros. Resolveu cancelar a sua passagem com destino ao Rio e saltando com a sua família, na Bahia, aí fixou residência na Cidade do Salvador à Estrada Nova, antiga Rua

da Vala, no trecho inicial da Rua Dr. J. J. Seabra, compreendida entre a Barroquinha e a Praça dos Veteranos. Nesta residência, realizou uma exposição de seus quadros, a qual mereceu a admiração dos apreciadores das belas artes. Não sabemos se vendeu alguns dos seus quadros.

Dentro de pouco tempo foi Cañizares convidado a lecionar pintura no "Imperial Liceu de Artes e Ofícios", fundado a poucos anos, onde começou a ensinar com grande entusiasmo, a pintura, a um elevado número de alunos. No fim do ano de 1877, houve um desentendimento entre o prof. Cañizares e a diretoria do Imperial Liceu de Artes e Ofícios da Bahia. A Diretoria desta Instituição encomendara ao Prof. Cañizares o retrato a óleo em corpo inteiro do Imperador Dom Pedro II a fim de ser colocado no Salão Nobre da nóvel Instituição, como homenagem de gratidão. Referem as crônicas do Liceu que a mesma encomenda fôra feita a outro artista bahiano de nascimento — Tito Batista e, em seguida, foi cancelada a anterior de Cañizares, que, julgando incorreta tal atitude da diretoria como desconsideração à sua pessoa, resolveu afastar-se do Liceu de Artes e Ofícios, instituição a que emprestara a sua capacidade artística, o que motivou o seu afastamento do "Liceu". Cañizares com os seus alunos, em revide à atitude descortez da Diretoria do Liceu, resolveu, aliado aos intelectuais já referidos e os artistas que mencionamos, instituiu, com o bafejo do Presidente da Província, benemérito protetor das artes, o Conselheiro de Lucena, a 17 de Dezembro de 1877, a Academia de Belas Artes, na qual se lecionasse as artes plásticas, a arquitetura e a música. A fundação se realizou na sua residência, onde havia o seu "atelier", no segundo andar de um grande sobrado situado à Praça de Palácio (atual Thomé de Souza) no sítio em que a Rua da Misericórdia forma um ângulo, com a Ladeira da Praça (atual Visconde Rio Branco), ocupado atualmente pelo armazem Triunpho. Informam outros que o "atelier" do Prof. Cañizares era no Prédio onde estava localizada a Pastelaria Esméro; no mesmo prédio, no Brasil Colônia funcionou aí o Tribunal da Relação. O Prof. Oséas dos Santos que, em 1942, escreveu, a pedido nosso, dados históricos da nossa Escola, informa que



ESTUDO

Alberto Valença

foi no 2.º andar do prédio da esquina da Praça que o Prof. Cañizares residia e foi iniciada a Escola.

Os alunos mais dedicados e de maiores recursos pecuniários (veja Manuel Quirino, no seu livro "Artistas Bahianos", se incumbiram de prover a Escola, que se improvisava, de caixões de pinho, dos que conduziam latas de querozene e do que era indispensável à Escola tais como material de ensino cavaletes, tabelas, lampiões de querozene com revérberos, etc. improvisados em fôlhas de Flandres para satisfazer às necessidades do ensino. Já se conclui que o material era modesto, de acôrdo com a Escola que não dispunha de patrimônio algum nem o seu próprio Diretor. As aulas estavam organizadas em duas secções (a tarde e o noturno). Os alunos pagavam a mensalidade de dois mil reis (2 cruzeiros) "Data desta epoca o renascimento do verdadeiro ensino do desenho", em tôdas as aplicações", cabendo ao Prof. Cañizares, principalmente a glória dêsse cometimento" (Artistas Bahianos, pag. 120, Bahia 1911).

Logo que o Govêrno em 1876-1877, adquiriu com as quotas lotéricas o palacete dos Geremoabo, à "Cova da Onça", o terreno à Praça da Piedade e o antigo solar "Jonathas Abbott, depois colégio Sebrão e Parthenon Bahiano", (colégios particulares para o ensino secundário a rapazes) a fim de construir e adaptar os referidos prédios às escolas primárias reunidas das Freguezias respectivamente, Sant'Anna, São Pedro e Sé, foi cedida uma parte do Solar Jonathas Abbot à Academia de Belas Artes, então fundada. Em seguida foi promovida a concorrência pública para a reforma dos prédios existentes e a construção de novos. Foi aceita a melhor proposta do Engenheiro Arquitecto José Nivaldo Allioni, um dos seus fundadores, e professor do curso de Arqutetura, que estipulou a importância de noventa contos de réis, referente aos três prédios, cabendo trinta contos a cada um dêles. O professor J. N. Allioni, num gesto de generosidade, propoz-se a reformar à sua custa o pavimento superior, fora do orçamento, dispendendo a quantia de cinco contos de réis aproximadamente, tendo obtido a necessária licença do Governador Barão de São Francisco, onde já funcionava a Escola.

As aulas da Escola de Belas Artes eram ministradas num prédio à rua 28 de setembro, fronteira à Escola, enquanto durava a reforma da sede definitiva". Os próprios alunos fizeram a mudança", diz Manoel Quirino e tudo prosseguia bem, trabalhava-se muito e o número de matrículas excedia de quatrocentos e faziam anualmente 600 a 800 desenhos" (Manuel Querino, pag. 121, obra citada). Fôram construídos os seguintes cômodos: um grande salão, compreendendo tôda a largura do edificio do lado da ladeira de S. Francisco, na extremidade direita; outro igual à esquerda, onde posteriormente se localizou o "atelier" de pintura na época em que o artista Mauricio Grün foi contratado na França, para lecionar o curso superior de pintura; no centro, ligando os dois salões, foi construída uma galeria ampla coberta de vidro, apropriada às exposições geral e dos alunos; do fundo da referida galeria, estavam colocadas três salas — uma, junto ao Salão Nobre, na qual eram ministradas aulas teóricas e práticas (Desenho linear, Perspectivas e Sombras, História das Belas Artes, Noções de Física, Mitologia Greco-Romana, Arquitetura etc.); a segunda, anexa ao atelier, servia às aulas de desenho da 2.^a e 3.^a classes; a sala do centro destinava-se à Secretaria, à Diretoria, nela se reunindo a Congregação, onde estava se organizando uma biblioteca incipiente, constituída de algumas estantes com livros. Ao lado desta sala havia as necessárias instalações sanitárias. Na parte anterior do prédio, estavam dispostas duas salas correspondentes às posteriores central, onde funcionavam a portaria e o "hall", uma área onde terminava a escada de volta, que dava acesso a êste pavimento, dividida em dois lances um do andar térreo ao primeiro andar e outro desce ao segundo. (1).

(1) NOTA SOBRE AS ESCADAS DE VOLTA

As escadas de volta, pelo menos, as feitas no fim do século passado e começo do atual eram construídas por um velho carpinteiro, que, por causa de seu ofício, era alcunhado de "Escada de volta", alcunha que adotou na vida profissional e, não sabemos se assim se chamava em família. — Conhecemos varias escadas de volta na Bahia, por êle feitas e, segundo a tradição, pareceu-nos que só êle as fazia.

A Academia de Belas Artes, em 1881, recebia, apenas um conto de réis (mil cruzeiros) de subvenção, votada pela Assembléa Provincial. Os alunos conseguiram pouco tempo depois, junto aos deputados provinciais, que a Assembléa votasse a subvenção de 2 contos de réis (2.000,00 cruzeiros) em favor da Academia — com o fim de remunerar o Diretor, prof. Miguel N. y Cañizares — Este não quiz receber a importância pelos seus serviços e fê-la reverter em benefício da Academia para auxiliar as suas despesas. —

Entre os alunos que trabalharam para conseguir esta subvenção destacam-se: Manuel Lopes Rodrigues, André Pereira da Silva, Antonio Lopes Rodrigues, João Gualberto Baptista, Januario Tito do Nascimento, Manuel Raymundo Querino, tornando-se, todos êles pelos serviços prestados, beneméritos da Academia de Belas Artes.

Os velhos mestres de obra, do tempo dêle, seus contemporâneos, ou que trabalharam como discípulos, hoje velhos afirmam que era um especialista. (Havia outros carpinteiros que faziam também escadas de volta).

Entre outras escadás de volta conhecemos: as dos Palacios da Aclamação, e do da Praça Rio Branco, hoje Thomé de Souza a do Ginásio da Bahia, as do predio onde funcionou a Escola Normal, hoje Faculdade de Filosofia; na Faculdade de Medicina — a do anfiteatro Itapoan para o Gabinete de Higiene, hoje Laboratório da Anatomia Patológica, a da sala de dissecação, para a Sala de Operações e Aparelhos, no pavimento superior, onde hoje é o Gabinete de Física Médica, as do vestibulo ou saguão da Faculdade de Medicina para o Salão Nobre, (destruida pelo incendio de dous de Março de 1905), a do outro, extremo do mesmo saguão, que dava acesso para a Biblioteca da Faculdade de Medicina ainda existente, ao lado da Catedral, (sala que foi cedida ao Arcebisado, no tempo do Arcebispo D. Jeronimo Thomé da Silva, em troca de terrenos, nos fundos da mesma Igreja); a Biblioteca, posteriormente, se mudou para uma das antigas enfermarias do hospital de misericórdia, justamente, onde hoje é o jardim ao lado do anfiteatro Alfredo Britto e que foi totalmente destruida (a biblioteca) pelo incendio acima referido. Além destas escadas de volta existiam as da Escola de Belas Artes, a atual escada que dá acesso ao Salão Nobre da Faculdade de Medicina e todas as escadas dos estabelecimentos congeneres e muitas casas senhoriais existentes em grande numero, na Bahia (O Solar dos Moniz de Aragão, em S. Pedro, na Avenida Sete

Desde os primeiros anos, depois da sua fundação, a Academia de Belas Artes promoveu exposições anuais não só para exhibir os trabalhos dos alunos, como de outros artistas estranhos à Academia, mas também admitia trabalhos de costura, bordados, de madeira, móveis, etc. Estas exposições demonstravam o aproveitamento dos alunos, sendo distribuídos prêmios a todos que concorreram a êstes certames obtendo 1.ºs lugares — medalhas de ouro, prata, bronze e menções hon-

de Setembro, hoje ocupado pela Loja Athayde, a da casa do Dr. Octaviano Moniz Barretto, em S. Bento na "Curva do Peito" como o povo na sua Filosofia apelidou o acidente no alto da ladeira de S. Bento, a da Casa do Sinai, na Praça dos Veteranos a da Casa do Prof. Tito Vespasiano Cezar Pires, à rua Rocha Galvão e algumas outras.

Conhecemos o artista bahiano cognominado "Escada de Volta", quando, no princípio do Século atual, êle fez as escadas de volta do Ginásio da Bahia, do Palácio Rio Branco, a atual do saguão da Faculdade de Medicina e que vai ter ao salão Nobre da mesma Instituição, etc. —

"Escada de volta" era um mulato claro, velho, de cabeça branca, cabelo á escovinha, de pequena estatura, muito curvado para a frente por acentuada lordose e pela idade (devia ter mais de 75 ou 80 anos de idade), porém ainda muito ativo e lucido.

Escada de volta quando era encarregado de fazer uma escada desta natureza (de volta) munia-se de um caderno de papel, sem pauta, do instrumental proprio (estojo de desenho, reguas, esquadros etc.) quando de posse da escada projetada, desenhava peça por peça, degraus, espelhos, corrimões, balaustrados, as curvas para sustentar os degraus de um lado e do outro, etc., depois de completamente desenhadas todas as partes, com o rigor da tecnica — eram os desenhos enviados para as carpintarias e a Bahia possuia algumas das mais completas, a fim de serem serradas e aparelhadas, empregando-se madeiras da época (vinhatico, potumujú, etc). Só assim se explica a duração destas escadas até os nossos tempos, sem grandes estragos, apesar dos muitos serviços, que elas diariamente prestaram e que muitas ainda continuam prestando — (Escola de Filosofia, antigo edificio do Senado, à Praça da Piedade etc. A da Escola de Belas Artes serviu quasi 80 anos e estava em bom estado; sòmente, agora, com a grande reforma por que está passando o edificio, foi desmontada para se fazer, no lugar por ela occupada, a escada de alvenaria armada, em torno do elevador electrico projectado, na modernização por que passa o predio da Escola.

rosas. Essas exposições, posteriormente, foram destinadas, somente aos alunos da Academia de Belas Artes.

O professor Cañizares propoz em Congregação e esta aprovou unanimemente, que o tesoureiro Eng.º José Allioni, encomendasse para a Europa (Paris) as medalhas premiais a fim de serem conferidas nas Exposições.

Estas medalhas eram muito bem cunhadas e artisticamente gravadas.

A encomenda foi feita e dentro de 45 a 50 dias a Escola recebia da casa gravadora de Paris por intermédio do tesoureiro José Allioni — 10 medalhas de ouro, vinte de prata e 40 de bronze — pagando por tudo isto a importância de 386 francos e mais 60 estojos para as referidas medalhas na importância de 40 francos — (na razão de 250 a 300 réis o franco), naquela época custando tudo mais ou menos 150\$000 (150 cruzeiros).

As atas da Congregação registram esta encomenda e outras providências tomadas naquela época.

Não encontramos outras referências nem documentos no Arquivo da Escola de Belas Artes — pois devido às fases críticas por que passou a Academia de Belas Artes — quase tudo se perdeu — Salvaram-se as atas porque eram transcritas em livros especiais destinados às mesmas. —

Destas medalhas existem poucos exemplares. Poucos alunos ou melhor raros alunos da Academia as possuem, e outras estão nas mãos de colecionadores *de numismática*.

* * *

Em 1882, o Diretor Miguel Navarro y Cañizares, em virtude de uma desinteligência em Congregação com os professores Allioni e João Francisco Lopes Rodrigues, resolveu retirar-se definitivamente da Academia, foi com sua família para o Rio de Janeiro, onde fixou residência — Nunca mais deu suas notícias.

A Congregação da Academia, quando se convenceu, que Cañizares não voltava mais, reformou a Diretoria e elegeu para

seu substituto ao Professor João Francisco Lopes Rodrigues, seu vice-diretor e um dos seus fundadores — Êste dirigiu a Academia até o ano de 1893, quando muito doente e alquebrado, afastou-se do exercício do cargo, falecendo a 11 de Outubro do mesmo ano.

Depois da morte do professor João Francisco Lopes Rodrigues o Engenheiro José Allionni sugeriu a idéia de escrever-se uma carta ao Prof. Cañizares, no Rio, apelando para o seu amor à Academia, que criou e dirigiu, a fim de vir continuar a sua obra benemérita. Cañizares ainda magoado com a Congregação, não respondeu ao apêlo. “Foi lembrado então o nome do artista sergipano, Horácio Hora que estivera na Bahia e fizera uma exposição na Academia, sendo os seus trabalhos bastante elogiados. A idéia foi aceita pela Congregação, havendo sido encarregado desta missão o prof. Manoel Lopes Rodrigues, em Paris, onde se achava ainda concluindo os seus estudos. Horacio Hora aceitou o convite e a Academia enviou-lhe a importância necessária para a viagem. O destino, porém, não permitiu que o notável pintor sergipano viesse a dirigir, na sua pátria, uma Escola de Pintura... Uma pneumonia vitimou-o quando já em preparativos da viagem para o Brasil”. *Carta de Oséas dos Santos, pag. 4 Rio 1942.*

Houve séria crise, na Congregação e os professores da Escola elegeram para seu Diretor o Dr. Braz Hermegildo do Amaral, professor de Anatomia Artística, de Mitologia e de História das Artes, o qual fêz brilhante administração e nisto foi favorecido oficialmente pelos primeiros governadores do Estado da Bahia, na República, os Drs. Joaquim Manoel Rodrigues Lima e Conselheiro Luiz Vianna, que muito auxiliaram a Instituição.

Conta o saudoso prof. Oséas dos Santos, em longa carta por nós solicitada e a nós dirigida, em 1942, alguns anos antes do seu falecimento, fazendo a história da Escola de Belas Artes, até quando foi pôsto em disponibilidade na mesma Escola, que o “Prof. Braz do Amaral depois de eleito Diretor, enfrentando a situação, tratou de aproximar-se do govêrno, expondo ao governador, os serviços que a Academia vinha, há longos

anos, prestando à Bahia, na difusão do ensino artístico. O Dr. Rodrigues Lima prometeu auxiliar a novél Instituição e pouco tempo depois sancionou a lei que na Assembléia Legislativa (Câmara e Senado) votou seu pedido dando a quantia de 15 contos por ano à então Escola de Belas Artes da Bahia — e facilitou à Escola tudo o que estava em suas mãos. Para esta subvenção muito trabalhou o jornalista Amaro Lellis Piedade, professor de Estética e fundador da Academia e deputado estadual, naquela época.

* * *

Em virtude da Reforma do Ensino secundário e Superior da República em 1891, realizada no Ministério da Justiça, Negócios Interiores, Instrução Pública, etc), por Benjamin Constant e por isto conhecida pelo nome de Reforma Benjamin Constant, a Congregação fêz a reforma dos Estatutos da Escola e mudou a denominação de Academia de Belas Artes da Bahia — para Escola de Belas Artes da Bahia, que conserva até hoje unificando o nome das duas Instituições no País — .Para comemorar êste fato — a Congregação da Escola mandou gravar em letras douradas, em uma pedra mármore cinzenta de 1 m, 30 x 80 a seguinte inscrição: — Lux — Escola de Belas Artes da Bahia — 1893 — tendo no centro uma lâmpada grega, também dourada e colocada sôbre as duas portas, que davam entrada para o pavimento intermediário (sôbre lojas — e juntas da entrada principal do Estabelecimento. Esta pedra desapareceu em reforma feita na fachada da Escola, nos últimos tempos. Esta tem sido a sorte de muitas placas *comemorativas*, na cidade do Salvador.

Tendo morrido o pintor Horácio Hora e havendo necessidade de um professor de pintura para o curso de Atelier de modelo vivo, a Congregação resolveu apelar, por intermédio do seu Diretor o Dr. Braz do Amaral, para o Governador Rodrigues Lima; êste, depois de enviar uma mensagem ao Congresso Estadual, pedindo autorização para contratar, em Paris, um artista por conta do Estado — a fim de fazer o referido curso. Foi encarregado de fazer a escolha o Prof. Manoel

Lopes Rodrigues, e esta recaiu no pintor russo Mauricio Grün, sendo o contrato feito na legação Brasileira, em Paris e assinado também pelo ministro Piza e Almeida. Iniciou-se, nesta época, com a adaptação da grande sala da frente que dá para o Caminho Novo, no Atelier de Pintura, o curso de pintura com modelo vivo. O professor Grün lecionou dous ou três anos e durante a sua estada aqui realizou-se o primeiro Concurso de viagem à Europa, tendo sido classificado em primeiro lugar o aluno Archimedes José da Silva. Êste aluno foi à Europa e cursou nos Ateliers de Paris, durante três anos. Foi classificado em segundo lugar o aluno Cyrillo Marques e outros classificados em terceiro lugar, etc.. Terminado o contrato do Prof. Grün, êste voltou à Europa.

Nesta ocasião fêz-se encomenda de algum material, modêlos de gêsso para os diversos cursos de desenho. Adaptou-se outras salas para os cursos da 1.^a e 2.^a classes e para as outras aulas — que começaram a ser professadas pelas mestras — Maria Constança Lopes Rodrigues e Etelvina Rosa Soares, antigas alunas da Escola. Organizou-se o curso de Arquitetura e ampliou-se o Curso Anexo de Música “admitindo-se um professor de Canto Coral e outros de violino, já existindo o de Solfejo e o de Piano e faziam parte os professores — Miguel Torres, Justina Campos (posteriormente Villanueva), Agripiniano de Barros, Remígio Domeneque e outros professores de música.

* * *

Sucedeu ao Dr. Manuel Rodrigues Lima, no govêrno da Bahia, o Dr. Luiz Vianna, antigo magistrado bahiano, que na administração do Estado, desenvolveu muito a Instrução Pública. Rodrigues Lima fundou duas Escolas Normais do Interior (Caitité e Barra) e ambas regularizaram os cursos da Escola Normal e do Ginásio da Bahia. Luiz Vianna construiu o novo Edifício do Ginásio da Bahia hoje Colégio da Bahia na antiga chácara do Lacerda do Tororó Pequeno, reconstruiu e ampliou a Escola Normal, hoje Faculdade de Filosofia, etc. No Govêrno do Dr. Luiz Vianna foram tomadas outras providências para o desenvolvimento do ensino primário e secundário; elevou-se a subvenção da Es-

cola de Belas Artes de quinze contos para trinta. Vale referir que nessa época a Assembléa votou uma lei instituindo o Conservatório de Música, por iniciativa da Congregação, apoiada por uma lei estadual, com a dotação de sessenta contos, podendo a Diretoria Técnica do Conservatório cobrar as taxas de matrículas e mensalidades dos alunos, para sua manutenção e vencimentos dos professores. Inscreveram-se como alunos do Conservatório os antigos alunos do Curso de música da Escola de Belas Artes, além de numerosos alunos novos estranhos ao estabelecimento, inclusive muitos alunos dos cursos de desenho e de pintura.

Os alunos podiam fazer os cursos de canto coral e de violino, que agora eram iniciados, pois já existiam os de solfejo e de piano. Havia nessa época cursos de harmônio, violoncelo, violela ou de qualquer instrumento de sôpro, constando do patrimônio da Escola uma coleção de instrumentos de metal, dos melhores fabricantes, podendo se organizar uma excelente banda de música com tal instrumental. Os professores do Conservatório de Música faziam parte da Congregação da Escola, como os demais dos outros cursos.

* * *

Algum tempo depois conseguiu a Diretoria da Escola e a Congregação, junto ao Governador Luiz Vianna, a autorização para contratar na Europa um professor de escultura, recaindo a escolha no Prof. Joseph Gabriel Sentis, artista francês (*hors concours*), pagando a Escola a mensalidade de quinhentos cruzeiros concedida pela Assembléa Estadual. Logo que chegou à Bahia, o escultor Sentis, construiu-se em dois mezes o *atelier* de escultura, nos terrenos do fundo da Escola de Belas Artes, do lado do Nordeste, com dimensões de 10 mts por seis, bem iluminado com telhado de vidro, amplo e confortável, em dois terços que olham para o nascente. Eis o local onde trabalhavam os vinte e cinco a trinta alunos que faziam a aprendizagem de escultura, além dos Professores Etelvina Rosa Soares e Oseas dos Santos, que se fizeram alunos do Prof. Sentis.

No fim do ano de 1897, o prof. Sentis foi a Paris em gôso de férias e com o especial propósito de buscar sua espôsa, que tinha ficado lá.

O Dr. Braz do Amaral, Diretor da Escola, aproveitou a oportunidade e lhe encomendou o material, ferramentas, utensílios, móveis, etc. para completar o aparelhamento do curso de Escultura e tudo o que fôsse necessário para o curso de pintura — telas, tubos e caixas de tintas (para pintura), pincéis, frascos de óleo, vernizes, papéis (Ingres, Canson, péle de porco, etc.) caixas de desenho linear, das mais simples às mais completas, esquadros, régua, tês (T), pranchas, etc., para os alunos dos cursos de Pintura, Escultura e Arquitetura e principalmente para o Curso de Desenho Linear, o qual era indispensável para os alunos de Desenho, de Arquitetura e do qual era titular, o abalizado e saudoso prof. Agripiniano Barros.

A diretoria da Escola autorizou o prof. Sentis a escolher, nas Casas especializadas, e a comprar os modelos de gêsso, que fôsem necessários à aprendizagem dos Cursos de Desenho, de Pintura, de Escultura e de Arquitetura da Escola.

A coleção que foi adquirida pelo prof. Sentis de cópias de gêsso, de estátuas, de torsos, bustos, florões, ornatos, etc. foi a mais seleta talvez, que já chegou ao Brasil. Visitamos, podemos assim dizer, de 1910 a 1912, como médico da Cia. Loide Brasileiro, um certo número das principais Escolas de Belas Artes, de Liceus de Artes e Ofícios, de Instituições de Belas Artes de nosso País. (Rio, S. Paulo, Pôrto Alegre, Pernambuco, Belém, etc) e nenhum tinha um conjunto tão bom quanto o que veio para a Escola de Balas Artes naquela ocasião. Infelizmente, nestes últimos 50 anos tem-se perdido muita e muita cousa, principalmente, nas obras e reparos pelos quais tem passado a Escola, por descuidos ou por falta de pessoal que tomasse conta, a Escola tinha dois ou três empregados e não raras vêzes um só dêles para todo o asseio e serviços outros da Escola, por brincadeiras de estudantes, etc. — Os empregados foram sempre dedicados — Logo que posamos e que o tempo nos permita publicaremos a lista

completa de todos os modelos vindos da Europa, naquela já longínqua época.

O período compreendido entre 1893 a 1900, no qual governaram a Bahia o Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima e o Conselheiro Luiz Vianna, constituiu-se o mais progressista, no qual estes governadores tornaram-se os beneméritos da Escola. A Congregação da Escola de Belas Artes, como preito de justiça os homenageou colocando os seus retratos a óleo na galeria de honra de seu Salão Nobre.

“A Escola de Belas Artes, diz Oseas dos Santos, podia gabar-se de ter atingido o seu período áureo. Os cursos funcionavam regularmente, o material escolar tinha sido aumentado, tínhamos uma seleta biblioteca, não faltavam modelos para pintura e escultura, obteve-se do govêrno os cômodos das lojas e sobrelojas do prédio e fêz-se novas e necessárias instalações. O Prof. Sentis dirigia o curso de Escultura, com grande competência, até que terminado o contrato, regressou à Europa (Oseas dos Santos, carta citada).

Continua Oseas Santos: “No Govêrno o Dr. Severino Vieira surgiu, uma fase precária para a Escola, por falta de pagamento das subvenções. O Dr. Pedro Lago, Senador Federal pela Bahia, conseguiu uma pequena parte das quotas lotéricas, quando se fêz, no Rio, a distribuição das mesmas às várias instituições do País.” A Escola recebia esta subvenção semestralmente até o ano de 1930, quando foi supressa de uma vez até hoje logo após o período da Revolução de 1930. Quando se recebia as quotas pagavam-se ao porteiro, um ou dois serventes, às vêzes a Escola tinha somente um servente que era também porteiro, as despezas gerais e o restante era distribuído “*irmãmente*” (Oseas dos Santos) entre os professores” (Oséas dos Santos — carta citada).

Continua o prof. Oséas dos Santos: “Quatro anos decorridos do govêrno do Dr. Severino Vieira, a Escola não logrou receber um único *níquel* das subvenções... Foi um período de verdadeiras aperturas e apesar disso só um professor abandonou a Escola. O engenheiro Allionni, não se conformava em trabalhar de graça, tendo o govêrno obrigação de pagar o que

devia. Teve a Escola de conformar-se em perder um dos seus melhores elementos, cuja competência, honestidade e capacidade de trabalho o distinguiam — (carta citada).

Dizemos nós — o professor José Allionni foi daquêles que mais fizeram e dos mais interessados pela vida da Escola até àquela data. E' o que podemos afirmar com a prova da leitura das atas dos primeiros anos após a fundação da Escola, que nenhum professor se interessou tanto pela vida da Instituição. Como aluno, que fomos, do prof. Allionni, no princípio do século atual, nos últimos anos que lecionou, podemos testemunhar, que êle foi um dos maiores e dos mais ilustrados professores da Escola de Belas Artes, tornando-se, por tudo isto um dos seus beneméritos. Tinha os seus pontos de vista que não deviam ser contrariados. Todos os outros professores da Escola deram uma prova de amor e dedicação à mesma continuando nos seus postos e a Escola de Belas Artes funcionou sem interrupção, com enormes sacrifícios, é verdade, mas ensinando as Belas Artes, na Bahia.

Com efeito os governos, que se sucederam ao Conselheiro Luiz Vianna, dos Drs. Severino Vieira, José Marcellino de Souza e Araújo Pinho — esqueceram-se da educação artística da Bahia. O Dr. Severino Vieira não pagou as subvenções a que a Escola tinha direito. O Dr. José Marcellino de Souza fêz um grande empréstimo a fim de pagar as subvenções atrasadas do Govêrno anterior e o Congresso Estadual suspendeu tôdas as subvenções, como medida de economia a fim de equilibrar as finanças do Estado, então muito balançadas. No govêrno seguinte do Dr. Araujo Pinho continuaram suspensas as subvenções.

Tudo corria conforme as circunstâncias — quando no govêrno do Dr. José Joaquim Seabra — poude a Escola de Belas Artes obter a exígua subvenção de 5 contos de réis por ano. Muito bôa para quem nada recebia há muitos anos.

O conservatório de Música, anexo à Escola mal podia se manter com a quantia de 10 contos de réis e uma pequena quota do sorteio das loterias federais, acrescentando ainda que o Conservatório tinha renda própria proveniente das ma-

trículas e mensalidades dos alunos” — (Oséas dos Santos — carta citada). As subvenções fôram mantidas pelos governos que sucederam ao Dr. José Joaquim Seabra — até à revolução de 1930, quando fôram suspensas.

* * *

Esgotado o tempo do segundo quadriênio da Diretoria do Dr. Braz do Amaral, êste não aceitou mais ser reeleito, apesar da confiança de quase todos os colegas de Congregação. Foi eleito o Dr. Eduardo Dotto, professor das cadeiras de matemáticas elementares e de noções de física e química e de História Natural. O Dr. Eduardo Dotto dirigiu a Escola, com alguns afastamentos, por motivo de moléstia até a sua morte a 27 de Dezembro de 1937. Era um homem muito cordato, muito probo e correto, a sua eleição agradou a todos os seus colegas. Com o falecimento do Dr. Eduardo Dotto assumiu a Diretoria o professor Oséas dos Santos — “A congregação por proposta do Prof. Braz do Amaral, procurou reorganizar o curso de Arquitetura e lembrou que fôsse feito um apêlo ao velho engenheiro José Allionni, no sentido de vir êle colaborar com seus antigos colegas. A Escola não podia dispensar os seus bons serviços e a cadeira que êle sempre lecionou, não podia ser dada com mais eficiência e competência por outro professor”. “Se por ventura não pudesse atender ao apêlo, indicasse um professor capaz de substituí-lo.” O emissário da Congregação foi o professor Antonio Olavo Baptista, que na segunda visita ao professor José Allionni e depois da recusa dêste — por moléstia e avançada idade não poder voltar à Escola — indicou o seu filho, José Nivaldo Allionni para substituí-lo e êste veio para a Escola de Belas Artes. Chegada a época da renovação da Diretoria — foi eleito Diretor o professor José Nivaldo Allionni Filho. Êste dirigiu a Escola com as dificuldades que sempre perseguiu o Estabelecimento, principalmente a falta de subvenções suficientes. Foi professor de Geometria Descritiva até a sua morte.

O Dr. Braz do Amaral, esteve alguns anos em comissão do Governô do Estado, na Europa, pesquisando documentos históricos sôbre os limites da Bahia, na Torre do Tombo, e

outros arquivos europeus — Voltando ao Brasil o professor Braz continuou em comissão do Governo do Estado, no Rio de Janeiro, fazendo pesquisas sôbre a história da Bahia.

A Escola teve desde a sua fundação os seguintes Diretores: Miguel Navarro y Cañizares, João Francisco Lopes Rodrigues (pintores), Dr. Braz Hermenegildo do Amaral e Dr. Eduardo Dotto (médicos), José Nivaldo Allionni Filho, músico Dr. Leopoldo Bastos do Amaral, Américo Furtado de Simas (engenheiros), e Manoel Ignaciõ de Mendonça Filho (artista, pintor), o último e que já foi reeleito em 1951 e está até agora na Diretoria da Escola fazendo excelente administração.

Dirigiram a Escola interinamente, entre outros professores, substituindo os Diretores efetivos, nos seus impedimentos, uns por prazos maiores outros por pouco tempo os seguintes professores: Oséas dos Santos, Agripiniano Barros, Francisco da Conceição Menezes, Presciliano Silva, Carlos Sepúlveda, etc.

Desde que foi adquirido, pela verba das quotas lotéricas, o antigo solar Jonathas Abbott, a fim de ser adaptado para as Escolas reunidas da Sé e a Academia de Belas Artes da Bahia, êste Estabelecimento, não sofreu grandes reformas na sua estrutura — apenas limpeza externa e interna e pequenas modificações: transformação de um dos salões o que dá para a Rua da Vala, hoje rua Dr. Seabra, em atelier de pintura, construção de paredes divisionárias, pequenos reparos nos telhados e outras pequenas obras necessárias, na administração dos Governadores Drs. Rodrigues Lima e Luiz Vianna.

Em 1916 ou 1917 o edifício estava precisando de grandes reformas, a parede do oitão, do lado da rua Dr. Seabra ameaçava ruir, notando-se internamente, principalmente, um afastamento de alguns centímetros, observando-se inclinação do lado externo do Edifício.

Os professores resolveram apelar para o Governo do Estado, pois a Escola não tinha o menor recurso para fazer as obras indispensáveis à estabilidade do prédio. O Governo não devia deixar o edifício ruir, a Escola não podia vir abaixo.

O Prof. Oséas dos Santos estava no exercício de Diretor, era um dos mais antigos e dedicados professores da Escola e sabendo das relações de amizade e de parentesco existente entre o signatário destas linhas e o Dr. Antonio Moniz Ferrão de Aragão, naquela época, Governador do Estado, solicitou o nosso concurso junto a êste a fim de preparar o prédio às necessidades do ensino. Quando falamos ao Governador, a respeito do pedido do professor Oséas dos Santos, êle já tinha conversado a respeito com o Engenheiro Pedreira França, seu illustre Secretário da Agricultura, ao qual estava afeta a Diretoria de Obras Públicas e, no primeiro despacho coletivo em nossa presença, foi reformado o pedido.

Sem laivos de vaidade apraz-nos tornar pública esta declaração, para que se restaure em lugar condigno o busto, em gesso, que a Congregação da Escola, mandou fazer homenageando o Dr. Antonio Moniz, um dos maiores beneméritos desta Escola, no seu salão nobre ao lado dos outros beneméritos administradores que prestaram grandes serviços à mesma instituição.

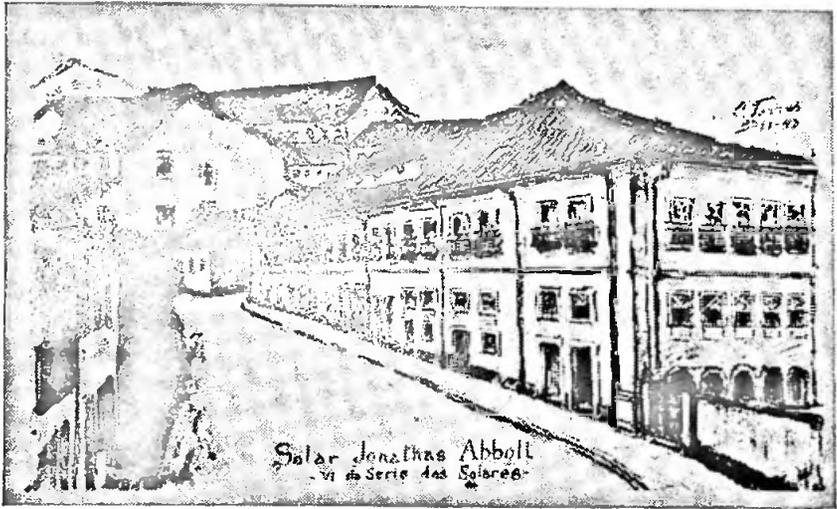
Nesta ocasião a Escola passou por uma grande reforma, sendo encarregado das obras o arquiteto da Secretaria da Agricultura Antonio Pereira Navarro de Andrade, aluno da Escola de Belas Artes e depois professor de Arquitetura da mesma Escola. As suas principais paredes laterais estavam fendidas, como dissemos acima, desaprumadas a do oitão (do lado da rua da vala), o telhado muito estragado por cupim, havendo grandes goteiras, que tudo destruíam os pavimentos do segundo andar e do primeiro com muitas táboas necessitando substituição, assim como as vigas que os suportavam, reparos gerais, asseio interno e externo, etc. Naquela época foi feita pela Diretoria de Obras do Estado, sob a orientação do arquiteto Navarro de Andrade, tôda a amarração das paredes por meio de vergalhões e chapas de ferro desde o pavimento superior, até o inferior e obras de tal porte que resistiram até hoje e que garantiram a estabilidade do prédio por mais de 30 anos. Considerem-se que foram feitas duas boas salas nos espaços vazios, lado da parte central da fachada — completando-a de uma extremidade à outra. Reformou-se todo o ate-

lier de pintura, tendo-se realizado as obras internas e externas com asseio geral e outros pequenos reparos necessários à completa renovação do prédio. Foi um dos maiores serviços prestados pelo Governo do Estado depois da reconstrução pelo Engenheiro arquiteto, Dr. José Allionni, em 1879 (vide Diário de Notícias, Bahia 29 de Janeiro de 1879). Fôram gastos mais de 800 contos de réis, que naquela época era uma grande quantia.

Como registro das obras realizadas, no Prédio, Diretoria de obras — mandou colocar uma pedra mármore na esquina do edifício que dá para a ladeira de São Francisco, com os dizeres correspondentes à remodelação, com os nomes das autoridades interessadas na mesma — (vide Exposição apresentada pelo Dr. Antonio Ferrão Moniz de Aragão ao passar a 29 de Março de 1920, o Governo da Bahia ao seu sucessor o Exm.^o Snr. Dr. José Joaquim Seabra, Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1920, pags. 180 e 258.

* * *

A Escola de Belas Artes desde sua fundação manteve ao lado dos cursos de desenho, pintura e arquitetura um Curso de Música, sendo iniciador o grande maestro baiano, o saudoso professor Miguel Torres — que dirigiu este curso até a sua morte. Este curso compreendia os estudos de canto coral, solfejo, piano, violino, etc. Com a subvenção de 30 contos aprovada pela Assembléa Estadual e sancionada pelo Governador Luiz Vianna, fundou-se o Conservatório de Música anexo à Escola de Belas Artes; o Curso de Música transformou-se no Conservatório de Música e reformou-se o currículo aumentando o número de disciplinas e, por conseguinte o de professores, conforme as necessidades e orientado por um Diretor Técnico. Eram professores do Curso de Música — Miguel Torres, Agripiniano Barros, Adelmo Nascimento e alguns outros que entraram para fazer parte do Conservatório, outros mestres de música, na Bahia, entre eles Remígio Domeneck, Rodolph Schoel, Karl Weber, Justina Campos Villanueva. Era Diretor do Conservatório o maestro Domeneck, o qual no fim de algum tempo aborreceu-se na Congregação, retirando-se da Escola.



SOLAR JONATHAS ABBOTT

Reconstituído este desenho por informações de pessoas fidedignas, que conheceram este solar e pelas estruturas internas ainda existentes.

Tendo chegado de Paris o maestro baiano Sylvio Deolindo Fróes, foi convidado para Diretor do Conservatório, tendo sido convidados outros professores para compor sua Congregação entre êstes podemos referir: Dr. Alberto Muijlaert, D. Maria Elisa Valente Moniz Barreto de Aragão, D. Helena Bastos, D. Maria Leopoldina Argollo, D. Esther Coelho Godinho (filha do prof. Austricliano Coelho, fundador da Escola), violinista Francisco Moniz Barreto e outros.

O Conservatório de Música e a Escola de Belas Artes funcionaram juntos até 1917 ou 1918, quando houve divergência, entre suas Congregações e o professor Deolino Fróes conseguiu por pedido de pessoas amigas junto ao Governador Dr. Antonio Moniz desligar-se da Escola, por uma lei passada na Assembléia Estadual e sancionada pelo Governador Antonio Ferrão Moniz de Aragão e é hoje o Instituto de Música da Bahia, obra do grande e saudoso Maestro Deolindo Fróes, que o dirigiu até a data da sua morte.

A Escola manteve um curso primário, sempre muito bem frequentado e regido pela ilustrada professora (aluna-mestra) Maria Porcina Caçador Dotto, casada com o professor Dr. Eduardo Dotto.

Além dêste curso manteve os de francês, de português, de matemáticas elementares, de História Universal e das Artes, de ciências físicas-naturais, cursos êstes necessários aos estudantes das Belas Artes e exigido de todos os estudantes que se matriculavam nos cursos de Pintura, Escultura e Arquitetura, principalmente dos que pretendiam fazer os concursos de viagem à Europa.

* * *

Em 1907, veio de São Paulo, a convite do Engenheiro Theodoro Sampaio, que reconstruía a parte nova da Faculdade de Medicina, após o grande incêndio de 2 de março de 1905, o escultor italiano Paschoal de Chirico, a fim de fazer as esculturas, em cimento, que cercam a rotunda do Anfiteatro Alfredo Britto, Estátuas dos mais notáveis profes-

sores, as estátuas no portal da Biblioteca e de outros estabelecimentos, que se construíram, na nossa Capital, Paschoal teve um entendimento com a Diretoria da Escola a fim de utilizar o atelier de Escultura, já abandonado há alguns anos, desde que o professor Sentis voltou à Europa (só quem trabalhava no atelier era o aluno adiantado Carlos Sepúlveda) — e, em troca dêste oferecimento, ensinaria a sua arte de Escultura aos alunos que matriculassem neste curso. Voltou a Escola a ter quem dirigisse o Atelier de Escultura. Posteriormente Paschoal del Chirico passou a professor da Escola, com todos os direitos dos outros, que pertenciam à Congregação e lecionou escultura até morrer, sendo substituído por seus discípulos Carlos Sepúlveda, Ismael Barros, Augusto Buck, os dois últimos professores de escultura e gravura.

* * *

Quando o eminente patricio Dr. Ernesto de Souza Campos, em 1946, quiz fundar as Universidades Estaduais, realizando o programa do ilustre Presidente da República General Eurico Gaspar Dutra, inaugurando a Universidade da Bahia, verificou que nossa Escola de Belas Artes estava em condições de fazer parte da mesma, faltando-lhe apenas ser possuidora do prédio, no qual vinha funcionando desde 1877, para constituir o seu patrimônio. Muitas Diretorias tinham trabalhado nesse sentido, junto ao Ministério da Educação. Embora houvesse da parte dos Ministros boa vontade, a Escola não tinha sido federalizada.

Para a federalização e incorporação da Escola de Belas Artes à Universidade da Bahia muito trabalharam o magnífico Reitor da Universidade da Bahia prof. Edgard Santos, o magnífico Reitor da Universidade Nacional prof. Pedro Calmon, os membros do Conselho de Ensino, principalmente, os professores Cezario de Andrade, Izaias Alves e alguns outros, no Conselho Superior de Ensino, deputados, Senadores, etc.

O magnífico Reitor, prof. Edgard Santos, muito trabalhou a fim de ver realizada uma das suas maiores aspirações — a criação da Universidade da Bahia com a incorporação da Escola de Belas Artes à Universidade da Bahia.

Quando foi empossado Governador da Bahia o Dr. Octavio Mangabeira a Diretoria da Escola de Belas Artes, baseada em documentos colhidos em várias repartições do Estado e da Prefeitura, resolveu enviar um memorial expondo-lhe a questão desde que se fundou a Escola em 1877; êste memorial esclareceu ao grande administrador do Estado, que mandou seu secretário do Interior estudar o caso, que tanto tinha dado o que fazer. O Dr. Octavio Mangabeira imediatamente encaminhou por uma mensagem à Assembléia Estadual a doação do prédio que foi feita pela "Lei n.º 84, de 12 de Agosto de 1948. Esta lei autorizou o Govêrno do Estado a doar à Escola de Belas Artes da Bahia o prédio situado à rua 28 de setembro, sede da Instituição, considerando-se efetivada a mesma doação desde vinte e seis de Setembro de 1947. Essa lei foi sancionada pelo professor Dr. Jayme Tourinho Junqueira Ayres, então presidente da Assembléia Estadual e foi referendada pelo Sr. Prof. Dr. Anísio Spinola Teixeira, dignissimo Secretário da Educação e Saúde do Estado da Bahia.

O Governador Octavio Mangabeira, benemérito da Escola, baixou, finalmente, um decreto, a 4 de março de 1949, designando, de acôrdo com a Lei acima referida o prof. Dr. Anísio Spinola Teixeira, então Secretário da Educação e Saúde para, em nome do Govêrno do Estado assinar a escritura da doação à Escola de Belas Artes da Bahia do prédio acima referido e do qual está de posse há mais de 80 anos.

Com esta doação o Governador da Bahia Dr. Octavio Mangabeira regularizou a vida da Escola de Belas Artes da Bahia completando o seu patrimônio, ficando incorporada, definitivamente, como outras Escolas Superiores, à Universidade da Bahia.

Os corpos docente e discente da Escola em sessão pública, prestaram expressiva homenagem ao Dr. Octavio Mangabeira, quando lhe foi entregue um pergaminho, como demonstração aos relevantes serviços prestados à Escola.

Pertencia à Escola de Belas Artes todo o pavimento superior e térreo compreendendo a loja e subloja, o terreno ao lado da Escola. Nos últimos tempos a Escola de Belas Artes

só não ocupava o 1.º andar, no qual estava instalado o grupo escolar do Distrito da Sé, a Escola Prof. Antonio Bahia. Quando nos matriculamos na Escola de Belas Artes em 1896, as escolas reunidas da freguezia da Sé ocupavam sòmente a metade do 1.º andar do lado da Ladeira de S. Francisco e por êste lado tinham essas escolas sua entrada independente. A outra metade era ocupada pelo Arquivo Público do Estado, desde a sua fundação e posteriormente pelo Senado Estadual. No tempo do Governador Góes Calmon essa parte foi ocupada pela Diretoria do Ensino. Enfim há 15 ou 20 anos a Escola Antonio Bahia ocupou todo o pavimento do 1.º andar.

Sòmente no atual Govêrno do ilustrado Governador Dr. Regis Pacheco, por intermédio do Prof. Dr. Renato Vaz Sampaio, ilustre assistente do Doutor Dorival Passos, D.D. Secretário da Educação, conseguiu-se a mudança da Escola Antonio Bahia e a entrega do resto do edifício, isto é o primeiro andar, à Escola de Belas Artes da Bahia. Sòmente depois da entrega total do prédio à Escola de Belas Artes pode o Diretor do Estabelecimento, prof. Mendonça Filho iniciar as grandes obras, depois da sua reconstrução, talvez as maiores obras por que está passando a Escola de Belas Artes, com a completa reconstrução interna, a pequena modificação na fachada, na sua parte térrea (mudança do portal principal, para a porção central do edifício e a instalação de um elevador elétrico, melhoramento que era uma aspiração de todos os professores e alunos.

* * *

O Reitor da Universidade, prof. Edgard Santos, conseguiu as verbas necessárias à reconstrução e conveniente adaptação às necessidades atuais do ensino artístico. Conseguiu-se ainda a organização de esplêndida biblioteca em assuntos referentes às artes, contendo, no momento, mais de 2.385 volumes de bons livros, revistas especializadas, etc. Fôram bem equipados todos os serviços, melhoradas as condições econômicas e financeiras. Fôram nomeados os diversos funcionários administrativos e outros (serventes, porteiros etc). Os professores que já lecionavam na Escola de Belas Artes fôram nomeados

efetivos pela Lei n.º 12.54 de 8 de dezembro de 1950 e interinamente todos os que vieram ensinar cadeiras criadas pela Organização das Universidades.

* * *

PRÊMIO CAMINHOÁ

Merece mencionado o fato da criação do Prêmio Caminhoá. Falecendo, no Rio de Janeiro, o ilustre Engenheiro bahiano Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá deixou, no seu testamento, um legado de 120 apólices da Dívida pública Federal, de um conto de réis cada uma, para ser instituído o "Prêmio de viagem à Europa, sob o título de "Prêmio Caminhoá". A importância dos juros destas apólices, de 6.000\$000 (seis contos de réis ou 6.000,00 cruzeiros), anuais davam para o aluno passar um ano na Europa (inclusive viagem de ida e volta, aperfeiçoando-se, no estrangeiro, quando obtivesse o primeiro lugar, em concurso no fim das suas carreiras. Os prêmios eram conferidos aos alunos dos cursos de arquitetura, escultura e pintura, podendo o aluno concorrer durante três anos, após o término do curso, obedecendo sempre a ordem da disposição testamentária. Determina o regulamento, baixado pelo ministro da Justiça, de então, quando foi instituído o Prêmio Caminhoá, que na falta de aluno premiado naquele ano, em cada uma das secções, os 6 contos, sejam empregados em material apropriado a cada um dos cursos, ou em trabalho referente a cada um dos cursos. Isto, felizmente, se tem feito regularmente, cumprindo-se a disposição testamentária.

Há poucos anos cumprindo-se êste artigo do regulamento do prêmio, não havendo aluno, que concorresse à secção de escultura, a Congregação da Escola de Belas Artes autorizou o seu Diretor, prof. Mendonça Filho, a mandar fundir em bronze, em S. Paulo, a bela cabeça de S. João Batista, em um prato, modelo do mérito do artista francês Joseph Gabriel Sentis, professor de Escultura da Escola — doada pelo referido artista ao Estabelecimento, quando terminou o seu con-

Curso de Arquitetura	61
Curso de Gravura	0
Curso Anexo	38
Livre (diletantes)	28
<hr/>	
Total de alunos	148

Houve épocas, nas quais a Escola teve um grande número de alunos e Manoel Querino, no seu esplendido livro “Artistas Bahianos” diz que “alguns anos após a sua fundação tinha 400 alunos” e quando nos matriculamos na Escola, em 1896, (Agosto) havia cêrca de 400 alunos, nos seus diversos cursos de Pintura, Escultura, Música, Primário, etc.

* * *

Antigamente, quando se fundou a Escola, os professores nada recebiam. Era a época do altruísmo e dedicação (1). No Govêrno do Dr. Manoel Rodrigues Lima os professores recebiam 100 cruzeiros por mês, alguns anos depois fôram aumentados os vencimentos para 150 cruzeiros, isto mesmo quando a Escola recebia suas subvenções. Em 1948, melhorando as condições da Escola, começaram os professores a receber 300 cruzeiros mensais e logo que a Escola de Belas Artes começou a fazer parte integrante da Universidade da Bahia e que em 1950 ficou regularizada a situação dos professores (2) êstes começaram a receber 8.400 cruzeiros mensais.

Só mesmo devido à dedicação e altruísmo dos abnegados professores a Escola não interrompeu os seus cursos ou não cerrou definitivamente as suas portas, quando os Governos suspenderam as subvenções da Escola.

(1) Em 1892 ou 1893 os professores recebiam 25\$000 por mez e quando faltavam eram descontados 4\$000 por falta dada.

(2) O Cel. Juracy Magalhães, quando governador da Bahia, restabeleceu a subvenção da Escola, supressa pelo Governo Revolucionário de 1930, decretando a importância anual de \$20.000,00, quantia esta que foi mantida por todos os governos que o sucederam.



Ilustração a carvão para a poesia "Cela abandonada" do
Dr. Hélio Simões